

Angola, Km 9, 4 de Março de 2007, domingo.

Caros confrades e amigos

Quero apenas enviar-vos breves flashes desta visita a Angola, se as condições técnicas o permitirem. Cheguei a Luanda no dia 3, já era uma da manhã, na companhia do P. Tullio Benini, Superior Provincial da Itália do Norte. A viagem foi agradável, mas cansativa nas sete horas de duração. Partimos pelas 16 horas do dia 2, sexta-feira. O voo previsto para o dia 1 havia sido cancelado. Ficámos uma hora dentro do avião em Lisboa, pois havia uma mala sem passageiro... e tiveram que encontrar a dita cuja.

À nossa espera no aeroporto 4 de Fevereiro de Luanda estava o nosso missionário P. Domingos Pestana, acompanhado do P. Elio Greselin, Superior Provincial de Moçambique, que havia chegado um dia antes. Um acolhimento muito agradável.

Mal deu tempo para dormir nesta bela e novíssima casa da Congregação. Bem cedo, depois das Laudes e do "mata-bicho", lá fomos "os três da noite" para a comunidade de Santa Maria, para um curso de catequistas. O P. Elio falou de como ser catequista, eu da Liturgia. Foi uma manhã bem preenchida e ensonada. Inaugurei também a nova guitarra desta casa, que trouxe de Lisboa, oferecida pelo Superior Provincial da Itália (foi comprada, aproveitando o cancelamento do primeiro voo). O P. Madella ficou noutras tarefas. O P. Vincenzo Rizzardi acompanhou o P. Tullio. Os padres Joaquim e Jorge Alves estão na missão do Luau.

A tarde do dia 3 foi passado no merecido descanso, debaixo deste calor de tempo de chuvas. As estradas (!) continuam com grandes lagos, lixeiras e altos e baixos. É tempo de chuvas e, mesmo que não chova, é preciso muito tempo até as terras secarem. Nem com galochas... Terminámos o dia 3 com uma reunião à noite, para combinar o bem preenchido programa da visita. Nos intervalos, lá acompanhei a vitória do Porto (o Benfica parece que também ganhou...).

Dia 4, domingo, hoje. De manhã, após celebrar na comunidade de Santa Maria, fui orientar um retiro para jovens. Eram cerca de 70, debaixo de uma grande árvore. Rezámos, reflectimos a Palavra de Deus, partilhámos o sentido da Quaresma em grupo e terminámos com a Eucaristia, depois de um tempo de confissões. O P. Elio orientou um retiro para catequistas. O P. Tullio acompanhou o P. Rizzardi.

A tarde deste dia foi passada num encontro aqui em casa com D. Gabriel Mbilingi. Vai ser Bispo de Lubango, deixando a Diocese de Lwena, de que é ainda administrador apostólico. É Vice-Presidente da Conferência Episcopal de Angola e São Tomé e encontra-se em Luanda na Assembleia Plenária dos Bispos de Angola. Almoçámos juntos e conversámos toda a tarde sobre os projectos para a Missão do Luau. Desafios e necessidades não faltam e bem dentro do nosso carisma... Uma reflexão a continuar nos próximos dias.

Daqui a horas partiremos de avião para Lwena, seguindo depois de jipe para Luau. Dois dias de viagem, mais ou menos. Amanhã partimos pelas 13 horas, mas o check-in deve ser feito pelas 10 horas (é um voo interno!). E para chegar ao aeroporto podem ser necessárias 5 horas de carro para percorrer 6 Km... Não vale a pena pensar que se pode ir a pé...

Quando puder, dou mais notícias, dificilmente antes do dia 14.

Já agora, hoje faz três anos que partiram os primeiros missionários dehonianos para Angola: os padres Domingos Pestana e Joaquim Freitas. Lembro com emoção a sua partida à noite no aeroporto de Lisboa...

Luena, 5 de Março de 2007, segunda-feira.

3º aniversário da chegada dos primeiros missionários dehonianos a Angola.

18.00 horas. Luena, casa episcopal. Cá nos encontramos: nós que viemos de Luanda (padres Tullio Benini, Elio Greselin e eu) e o P. Joaquim Freitas que veio do Luau ao nosso encontro.

Saímos da nossa casa do Km 9 pelas 7 horas da manhã em direcção ao aeroporto. Apesar do muito movimento e das estradas intransitáveis e alagadas, conseguimos chegar cedo a Luanda, graças à perícia do nosso condutor em encontrar caminhos alternativos. Pensávamos demorar três horas e meia, gastámos apenas hora e meia para a tal meia dúzia de quilómetros...

Antes de ir para o aeroporto, o P. Domingos levou-nos a visitar a Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, entregue aos cuidados pastorais dos Capuchinhos. A igreja e a casa encontram-se mesmo junto ao conhecido Estádio da Cidadela, onde joga a selecção nacional, onde no domingo passado os bispos celebraram com as mulheres da PROMAICA (grande movimento da Igreja para a promoção

da mulher angolana), onde o Pe. Zezinho costuma dar os seus concertos, quando vem a Angola. Parece que este ano virá para a Festa da Juventude, que aqui se celebra na Solenidade de Cristo Rei.

A seguir, visitámos a casa das Franciscanas Missionárias de Maria, mesmo em frente, onde estava a decorrer a missa de início do curso dos inter-noviciados femininos que se realizará nesta casa (o P. Domingos será ilustre professor de Cristologia e de outras disciplinas afins).

Ainda passámos na Paróquia da Sagrada Família, em pleno centro de Luanda, entregue aos Redentoristas, e na Sé Catedral de Luanda, mesmo junto ao Palácio do Presidente da República, não sem antes passar em frente da Assembleia Nacional.

Ao passarmos em frente da casa dos Espiritanos, o P. Domingos e eu matámos saudades da primeira vinda a Angola em Setembro de 2003, para programarmos o início de missão. Nessa altura, ficámos nessa casa, também junto à Sé. Lembro-me da longa e comovente conversa com o Bispo de Luena na casa dos Espiritanos. Éramos quatro mosqueiteiros: os padres Madella e Onorio Matti, de Moçambique; o padre Domingos e eu, de Portugal. Foram dias difíceis de contactos, sem grandes apoios, à excepção da preciosa ajuda das irmãs Adelaide e Augusta, a quem estaremos eternamente agradecidos. Só nos últimos dias recebemos a decisão do Arcebispo de Luanda em nos confiar o Km 9 como missão. Depois, no último dia, já sem os irmãos de Moçambique, andámos uma louca correria, com a preciosíssima ajuda da Irmã Adelaide (dominicana), para decidirmos sobre o terreno para a nossa residência (já antes apalavrado) e o encontro com o dono do terreno na sua casa na Baía de Luanda. Tempos de inícios, que dão sentido ao que tanto fizeram os nossos missionários daí para cá, com o apoio de toda a Congregação e de tantos amigos e benfeitores...

Voltando ao dia de hoje, chegámos ao aeroporto doméstico de Luanda pelas 10 horas, para fazer o check-in para Luena. A confusão do costume. O P. Elio bem tentava disciplinar os que se enfiavam à nossa frente, mas sem grande resultado. Não há que imaginar, é preciso experimentar... e ter a tal grande paciência africana, com muita dose de humor. Lá conseguimos ficar despachados duas horas depois. Não faltaram os inúmeros controlos de documentos e bagagens, nada comparado com a simplicidade de voos internacionais (sem ironia!).

O voo da Air Gemini partiu pelas 13.30 horas. Uma viagem de cerca de uma hora e um quarto para percorrer aproximadamente 1000 Km. Paisagem de floresta, com grandes rios e diversos aglomerados populacionais... Viagem agradável e razoável aterragem em Luena. Lá vimos o Joaquim atrás da rede da vedação do aeroporto. Passados minutos, já estava junto de nós, na parte dos passageiros. Passaportes entregues, para conferirem, procura da bagagem, nova ida aos passaportes, mais questionários... e lá saímos contentes e alegres. Tudo isto faz parte do sistema.

Na ida para a casa episcopal, onde ficaremos esta noite, recordei estes espaços e itinerários percorridos frequentemente em Março de 2005, quando demos início à missão do Luau. Estamos a celebrar o segundo aniversário da nossa chegada a Luau.

Hoje, 5 de Março, faz três anos que chegaram os primeiros missionários a Luanda: Padres Joaquim e Domingos. É dia de acção de graças ao Senhor. Três anos de presença em Angola e tanto caminho percorrido com a ajuda de Deus e a disponibilidade feita de enorme dedicação dos nossos cinco missionários que estão actualmente em Angola: padres Madella, Vincenzo, Joaquim, Domingos e Jorge Alves. Daqui a instantes vamos celebrar a Eucaristia na capela desta casa e recordaremos tudo isso em acção de graças ao Senhor.

Amanhã, pelas cinco da manhã, partimos de jipe para o Luau. 350 Km, 9 horas de viagem. Está tempo de trovoada, esperemos conseguir passar nos caminhos difíceis e pontes sobre os rios... para encontrarmos o P. Jorge Alves ao final da tarde, já em Luau.

Luau, 7 de Março, quarta-feira.

Chegámos esta manhã a Luau, pelas onze horas, após uma viagem que durou mais de um dia. Viagem atormentada e acidentada...

Partimos ontem de Luena pelas cinco horas da manhã, os padres Joaquim, Elio Greselin, Tullio Benini e eu, acompanhados do catequista Lopes. Fomos percorrendo os longos quilómetros, ora em partes de asfalto bem danificado e esburacado, ora em piso de terra arenosa, ora em terrenos constantemente "possuídos" por grande poças de água lamacenta e por enormes buracos. Passámos algumas pontes de madeira em muito mau estado, outras já reconstruídas em ferro. Estive aqui há dois anos e, tirando algumas pontes e partes da estrada em reconstrução onde trabalham angolanos e chineses, não vi grandes melhorias (lembrei-me de Madagáscar, onde percebi enormes melhorias

nas redes viárias, quando lá estive nos inícios deste ano, em comparação com a minha ida três anos antes).

Enfim, lá fomos andando, sob a boa condução do P. Joaquim. As adversidades do caminho iam dando cabo dos nossos costados. De vez em quando parávamos para beber ou comer qualquer coisa que tínhamos comprado em Luena. É que quanto a “estações de serviço”, como alguém da comitiva pensava encontrar, nem cheiro. É que são 350 Km na floresta, passando por algumas povoações, sem rasto de combustível ou de alimentação...

Meio-dia de ontem. Íamos com mais de seis horas de viagem, acabados de passar numa das pontes construídas na véspera, quando o carro parou... e não mais quis andar. Várias tentativas nada adiantaram. Caixa de velocidades? Disco? Transmissão? Não se percebia a razão, também não éramos mecânicos. Quando passava algum carro, parava para ver da situação, nova tentativa com candidatos a mecânicos, novas hipóteses para a causa da avaria... Nada a fazer. Um dos carros, entretanto, regressa e diz-nos que a ponte seguinte está em reconstrução e que não se pode lá passar nos próximos dias. Estávamos a dez quilómetros dessa ponte... Mesmo com o carro a funcionar, não haveria nada a fazer para chegar a Luau.

Entretanto, já havíamos enviado mensagem por outros passageiros, que iam fazer o transbordo nesse ponto de passagem, para avisarem o Padre Jorge Alves da situação. Telefone, nem pensar. A partir de Luena, não há telefone. E no Luau, só funciona com a linha telefónica do Congo. Pedimos boleia para levarem o Lopes até esse ponto, na possibilidade de esperar que o Padre Jorge viesse até à ponte em construção.

Fomos esperando toda a tarde, conversando, ora à sombra do arvoredor, ora dentro do jipe (quando veio uma chuva torrencial). Rezámos o Rosário (antigamente dizia-se Terço!). Íamos cumprimentando e falando com os raros passageiros que iam passando e paravam para saber o que se passava. Houve mesmo um condutor de um camião de passageiros que aceitou rebocar o jipe até à ponte em construção. Começámos a preparar os cabos, quando o “gerente” do dito camião voltou com a palavra atrás. Voltámos à estava zero. Paciência. Desejamos-lhe boa viagem e que não acontecesse o mesmo que a nós. Continuámos à espera de possível ajuda, já preparados para passar a noite por ali. O sol já se tinha posto, com direito a algumas fotos, talvez para um postal com belos pensamentos à luz do luar...

Pelas sete da noite, chega um jipe onde vinha o nosso amigo Lopes. Pertencia à empresa que está a construir a ponte. Levou-nos a nós e à bagagem para o estaleiro junto à ponte, ficando no “local do crime” o Lopes a guardar o nosso carro avariado. O chefe do estaleiro deixou-nos passar a noite numa das tendas onde dormem os trabalhadores. Foi uma grande simpatia da sua parte. Lá ficámos a dormir (e a roncar) os quatro em cima de três velhos colchões na terra.

Hoje, manhã cedo, vimos que o Padre Jorge estava do outro lado da ponte à nossa espera desde as três da manhã. Deram-lhe o recado ontem à noite e ele pôs-se a caminho do Luau com um jipe da MAG (uma ONG da União Europeia que está a fazer a desminagem do território). Vinha acompanhado de dois motards, para o caso de ser necessário ir buscar-nos ao carro avariado. Atravessámos o resto da ponte velha com as bagagens às costas e, pelas sete da manhã, partimos finalmente para completar o resto da viagem para o Luau. Entretanto, ficara um senhor a guardar o carro avariado da missão, tentando que hoje fosse rebocado para o estaleiro das obras. Quando a ponte estiver pronta, tentará ser rebocado para o Luau, estando o Padre Jorge à espera para a respectiva verificação e desmontagem das peças. Nada pode ficar abandonado, senão tudo desaparece (roubado ou “desviado” do lugar é a mesma coisa). E assim fizemos o resto da viagem, em que recordei constantemente a viagem de há dois anos, quando aqui me desloquei para o início da missão, juntamente com o Bispo de Luena.

Chegámos aqui ao Luau pelas onze da manhã, todos cansados e rebentados, mas contentes por estarmos entre confrades e amigos, nesta pequena casinha bem acolhedora, com tanto trabalho realizado pelos padres Joaquim e Jorge. Almoçámos uma excelente sopa de feijão e um bom prato de carne com massa. Não faltou uma pinga de Porto e bolo de mel da Madeira. Já estávamos com saudades de uma refeição quente e tão apetitosa, o que já não acontecia há quase dois dias...

Descrevi com algum detalhe, mas deixando de lado tantos pormenores, esta atribulada viagem, apenas com a intenção de comungarmos algo que é frequente na vida dos nossos missionários por estas andanças angolanas, sobretudo no interior. Longe de os levarem ao desânimo, as provações fortalecem o espírito e a dedicação à missão do Reino do Coração de Jesus.

Pela tarde, celebrámos na igreja do Luau, a tal que não tem telhado, mas tem já a solidariedade de tantos amigos e benfeitores de Portugal que aderiram à recente campanha “telhado para a igreja do Luau”. Trouxe comigo o fruto dessa partilha (algumas dezenas de milhares de euros), que será aplicado na melhoria deste espaço onde os cristãos rezam, celebram a fé e a vida, meditam a

Palavra de Deus, têm a catequese e a formação. Vamos agradecer a Deus o facto de estarmos unidos em família e a força que Ele nos transmite nas dificuldades.

Na celebração da Eucaristia, esteve um bom grupo de fiéis e o grupo coral. Não faltaram os acólitos, bem treinados e aplicados. Estiveram também as Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição, as irmãs Júlia, Rosa e Amélia, que estão no Luau apenas há quinze dias (chegaram a 14 de Fevereiro!). Estão numa casa da missão que foi totalmente reconstruída sob a orientação dos nossos missionários. Está uma casa muito bonita, arejada e acolhedora.

Terminámos o dia com um bom jantar. Experimentámos o novo computador que trouxe para ficar no Luau e que funciona bem com o videoprojector que o Padre Joaquim já havia trazido. Depois de rezarmos juntos as Vésperas, vimos no tal aparelho o documentário "mensagem de Fátima" e fomos tentar descansar nesta primeira noite no Luau, sob a protecção de Nossa Senhora do Coração de Jesus.

Luau, 8 de Março de 2007, quinta-feira.

Pelas seis e meia da manhã, já estávamos a rezar juntos as Laudes, depois de uma noite passada sob o barulho da chuva, por vezes torrencial, à mistura com relâmpagos e trovões. Tínhamos previsto visitar bem cedo a Casa da Missão, que será a residência da comunidade religiosa e está à espera de ser reconstruída. Não foi possível ir logo de manhã, a seguir ao pequeno-almoço, devido à chuva.

Ficámos aqui por casa ocupando o tempo na conversa e na leitura. Falámos da realidade desta missão, que tem uma extensão de cerca de 3600 quilómetros quadrados e cerca de 70 mil habitantes. A missão do Luau tem o nome de Paróquia de Santa Teresa do Menino Jesus, com as suas 25 comunidades cristãs: Progresso, Kamucito, Cisombo, Sakandange, Musukuege, João Gil, Zanango, Chamby, Katota 1, Katota 2, Sakatombo, Marko 25, 11 Novembro, Katula, Casela, Cilemo, Saviemba, Cimguly, Retornado, Ciena, Terra Nova, Fonte, Luhanga, Kapangaba, Luau (sede). Os nossos missionários já visitaram grande parte destas comunidades. O Bispo de Luena entregou-nos o cuidado desta missão a 14 de Março de 2005.

Ao fim da manhã, fomos visitar a Casa da Missão. Uma bela e sólida construção feita pelos Beneditinos, que foi sendo destruída pela guerra e pelo uso dos militares. Tudo desapareceu, só ficaram as paredes sólidas. Vimos a casa e inteiramo-nos dos projectos para a sua reabilitação. Os materiais têm um custo muito elevado, a que é preciso acrescentar o exorbitante preço do transporte de Luanda. Veremos mais em pormenor como obter financiamento para esta obra prioritária.

A seguir, fomos visitar a JRS (Jesuit Refugee Service), uma organização não-governamental ligada aos jesuítas. Estão instalados no terreno da missão e devem sair proximamente do Luau. As estruturas construídas ou remodeladas, como casas e outros anexos, ficarão para a missão. Visitámos igualmente a MAG, organização não-governamental para a desminagem, que se encontra igualmente no terreno da missão. Está a sair do Luau e deixa as estruturas à missão. O Bispo acolheu estas duas organizações no terreno da missão, com a condição de deixarem as estruturas para a missão. Assim acontece e tal será um óptimo apoio para as actividades pastorais da missão. É possível ainda que a JRS ajude a reconstruir a escola da missão, situada no seu território. O terreno da missão tem um perímetro aproximado de dois quilómetros, que precisa de ser vedado. A verba para esse trabalho já foi entregue. Por enquanto, fez-se apenas uma vedação mais perto da nossa casa, havendo um guarda a vigiar a casa e o terreno.

A seguir ao almoço, aproveitámos para descansar um pouco, antes da missa na igreja, habitualmente pelas 16.30 horas, presidida hoje pelo P. Elio Greselin. Brindou-nos com umas "breves palavras", que se esticaram numa vibrante pregação, em vivo diálogo com os fiéis.

Antes do jantar, as Irmãs da CONFHIC vieram colocar cortinas nas janelas e umas colchas para as camas. Uma melhoria nas condições desta casa, pequena mas muito acolhedora, graças aos nossos confrades que aqui estão.

Rezámos juntos, vimos algumas notícias de Angola (sempre com longos discursos das inaugurações...) e fomos descansar. O P. Jorge combinou com um condutor da JRS ir de madrugada tentar rebocar o carro para o Luau. Partirão pelas três da manhã para chegar ao local pelas seis horas. Quanto ao regresso, depende das condições, se conseguirem fazer o reboque. Tanto pode demorar meia dúzia de horas, como um dia. Esperemos que tudo se passe pelo melhor. O P. Jorge ainda foi ligar os seus motores para reparar uma avaria do carro da MAG emprestado e construir uma engenhoca para fazer a ligação ao carro avariado. Quando fui dormir, já tinha reparado o carro, estava a construir a tal engenhoca. Apesar do barulho do gerador, consegui adormecer, com tanto sono acumulado dos dias anteriores.

Mais um dia aqui com a comunidade, vivido em autêntica fraternidade e bom ambiente. O P. Elio vai-nos deliciando com a sua longa experiência africana em Moçambique, em muitos aspectos diferente de Angola. Falou-nos bastante da experiência de comunidade que estão a realizar em Moçambique, muito assente na responsabilidade dos ministérios laicais. O P. Túlio, além de compreender bem português, já está quase a falar esta língua, que é oficial em Angola. Não há necessidade de recorrer a intérpretes entre nós, safamo-nos bem na comunicação. Tem sido uma experiência inter-provincial muito positiva.

Não poderemos sair para fazer algumas visitas às comunidades, devido à falta de carro. Neste momento, avariado o carro da diocese ao serviço desta missão, só resta o carro emprestado pela MAG e que tanto jeito tem dado. Já foi encomendado (e pago) há quatro meses um novo carro para o serviço dos confrades aqui no Luau (e outro para as Irmãs), mas deve chegar a Luanda na próxima semana. Depois, tem que fazer a rodagem em Luanda (1000 Km), antes da aprovação final para poder vir para o Luau. Tudo deve ser previsto com muita antecedência e esperar com a proverbial paciência africana. Como vemos, isso não acontece só com o pedido dos vistos para entrar em Angola, acontece também com o material, caríssimo e só obtido em Luanda.

Amanhã será outro dia, a ser vivido ao ritmo da vida local. Embora estejamos sem quaisquer notícias de Portugal, comuniquei aqui aos confrades que hoje foi nomeado o novo Bispo do Funchal, na pessoa de D. António Cavaco Carrilho, natural do Algarve e actual Bispo Auxiliar do Porto. Que o Senhor o abençoe no seu ministério pastoral ao serviço da Diocese do Funchal (que engloba as ilhas da Madeira e Porto Santo), onde se iniciou a presença dehoniana em Portugal, há 60 anos, com a chegada dos padres Ângelo Colombo e Gastão Canova.

Luau, 9 de Março de 2007, sexta-feira.

De novo pelas seis e meia da manhã, rezámos juntos as Laudes, já com o cheiro a pão fresco que o P. Joaquim tinha ido comprar ao mercado. O P. Jorge partiu antes das três da manhã para tentar rebocar o carro que ficou a 100 Km daqui (três horas de viagem, na melhor das hipóteses).

Demos uma volta a pé pela vila do Luau, visitando o mercado, maioritariamente com os produtos da terra, e passando por algumas avenidas largas (piso de terra e com grandes buracos alagados) desta bela cidade do Luau. Clima ameno e agradável. Passámos na casa das Irmãs e diante da igreja. Há um edifício que devia ser hoje inaugurado pelo Governador de Luena, mas parece que já não vem, devido ao mau estado da estrada e das pontes (ele teria sempre a hipótese do helicóptero e do avião, a aterrar numa pista de terra, em grande parte relvada). Disseram-nos que, afinal, a ponte em reconstrução ainda não estaria pronta. Se tal assim for, o P. Jorge viajou em vão... ou talvez não (há sempre qualquer coisa que se pode resolver, sobretudo a nível de segurança e vigilância do material). Esperemos, porque as informações, dada a falta de telefone e de rádio, por vezes são contraditórias. É como no tempo dos Romanos, é preciso que cheguem os passageiros vindos daqueles lugares para nos informarem do que se passa.

Passámos o resto da manhã a falar, na leitura espiritual e a pôr a escrita em dia. O P. Elio, como se esqueceu de trazer um romance, esteve a ler a Bíblia na língua local (coqwe, pronuncia-se tchócuen), confrontando os textos com a Bíblia em português. Mas cedo se cansou do estudo, pois foi trabalhar para a horta, recheada de bons produtos hortícolas e bananeiras, já plantadas pelos nossos confrades madeirenses. Parecem as bananeiras do Colégio Missionário... Com isso, estão também a habituar as pessoas a plantar árvores de fruto. Também da lavra da missão têm trazido bons ananases (também não ficam atrás dos ananases dos Açores) e outros produtos. Aqui na horta têm também porcos, cabritos, galinhas e outros animais comestíveis, além dos incomestíveis mosquitos e alguns répteis que passeiam pela casa. Claro que não faltam as formigas, mal lhes cheira a açúcar. O P. Elio, em bom espírito franciscano, vai defendendo estes bichos (sempre são carne sem osso!). Falou-nos das suas altas investigações sobre as formigas: quando andam depressa, quer dizer que vem mau tempo e chuva; quando andam calmamente, significa que o tempo vai estar bom; quando vão carregadas com material de armazenamento, quer dizer que estão a chegar tempos difíceis. Se calhar, tem razão. Experimentem regular a vida pelo andamento formigueiro... Aqui vive-se e trabalha-se, mas sem o ritmo europeu. Deve haver programação, mas deve-se também possuir a calma para apanhar com os muitos imprevistos que aparecem. Para quem não o conhece, o P. Tullio Benini foi durante muitos anos pároco dum grande paróquia em Milão, tem trabalhado a nossa espiritualidade com os leigos e tem escrito muito e bem sobre isso (há uns seus escritos que foram reelaborados pelo P. Perroux e por este publicados... o que está dito na introdução do dito cujo). Ah! Esqueci-me de dizer que as manhãs têm sido amenizadas pelo bom café Lavazza que o P. Tullio nos

ofertou e que temos saboreado (o P. Elio já se lembrou dos saquinhos de café que o P. Adérito levou para a Conferência Geral de Varsóvia... acompanhados do bom correctivo!).

E assim se escoou a manhã nesta variedade de ocupações. Ora em conjunto, ora individualmente, vamos aproveitando o tempo para saborear a missão do Luau.

A parte da tarde iniciou-se com a ida à polícia de fronteiras. De manhã, o P. Joaquim fora pedir autorização para irmos amanhã ao Congo e exigiram que os “forasteiros” fossem apresentar os seus passaportes. Lá fomos os três mosqueteiros, para transcreverem para uma velha folha o nome de cada um e o número de visto. Burocracias...

Continuamos a ocupar o tempo até partirmos para a igreja. Aí participámos na via-sacra e na Eucaristia, presidida pelo P. Jorge Alves, que chegou em cima da hora, 14 horas depois de ter partido para resolver o problema do carro da missão avariado.

Afinal, nada consegui. A famosa ponte, que devia estar pronta ontem, ainda não está porque furou o pneu de uma das máquinas de apoio (o pneu suplente tem que vir de Saurimo, que fica a umas horas de viagem). O P. Jorge não conseguiu passar de carro a ponte em construção mas, do outro lado da ponte, conseguiu arranjar transporte para ir rebocar o nosso carro que, afinal, ainda estava no local da avaria. Apesar de guardado, já tinha sido roubado e a bateria totalmente gasta. Rebocou-o para o acampamento das obras e conseguiu guarda permanente a cargo dos catequistas da comunidade cristã mais próxima. Agora, ver-se-á como fazer. Depois da desmontagem, as peças terão de vir de Luanda, que fica a uns 1500 Km daqui, o que significa que ainda há que esperar algumas semanas... A missão continua apenas com o apoio do tal carro da MAG.

Jantámos juntos, rezámos Vésperas e ficámos à conversa, partilhando histórias comuns antigas e mais recentes. No diálogo até entraram questões escatológicas... Vimos o fastidioso noticiário de Angola (a televisão alimentada pelo nosso gerador que se liga durante duas horas ao fim do dia e no início da manhã), que iniciou com a notícia da audiência que o Presidente da República concedeu a uma delegação da CEAST (Conferência Episcopal de Angola e São Tomé). Lá vimos os “nossos” bispos de Luanda, D. Damião Franklin e D. Anastácio, e o novo bispo coadjutor de Lubango e actual administrador apostólico de Luena, D. Gabriel Mbilingi.

Foi bom terminarmos o dia com optimismo, perante tantas contrariedades que vão aparecendo. Amanhã a vida continua. Em princípio, será o nosso penúltimo dia em Luau. Estamos a ver como viajar daqui para Luena. Temos de encontrar alguém que nos leve até à famosa ponte em construção (para mais, não temos carro) e que alguém, vindo de Luena, venha aí buscar-nos. Vamos todos para Luanda, pois na próxima semana teremos reuniões e retiro com os cinco missionários dehonianos que fazem parte da missão de Angola. Se Deus quiser e se as estradas e aeroportos permitirem!

Luau, 10 de Março de 2007, sábado.

Acordámos bem cedo e iniciámos o dia como habitualmente, reunidos na oração de Laudes, seguida de pequeno-almoço. Entretanto, o P. Joaquim já tinha ido comprar pão e rebocar um carro que tinha ficado enterrado na lama. Nestas andanças, a entre-ajuda é uma permanente atitude africana.

Partimos de seguida para uma viagem ao Congo, visitando a comunidade congoleza que fica junto à fronteira. De Luau à fronteira são 12 quilómetros. Na fronteira, depois de verificarem a autorização de saída de Angola, tivemos que esperar pelo “polícia das chaves” da parte de Angola, o tal que abre o cadeado do gradeamento que separa os dois países. Atravessado o rio Luau, que divide os dois países, nova paragem na entrada do Congo, pois de novo o “homem das chaves” do outro gradeamento do Congo não estava. É o poder das chaves...

Visitámos a igreja em Dilolo-Gare, que fica a dois quilómetros da fronteira, acompanhados do P. Albert, padre diocesano. Era uma missão dos Franciscanos, agora ao cuidado dos padres diocesanos. Demos uma vista de olhos à escola das raparigas e fomos acolhidos durante alguns instantes na comunidade religiosa das Franciscanas Missionárias de Maria, que nos deram a provar alguns dos licores por elas fabricados. Ainda passámos num armazém de tecidos, mas não comprámos nada.

Regressados a Angola, fomos ver a lavra da missão do Luau, no terreno de 20 hectares a ela pertencente. Obra dos padres Joaquim e Jorge Alves, lá se produz amendoim, bananas, mandioca, ananases, milho e outros produtos da terra. Há dois trabalhadores permanentes e um guarda. Aos sábados de manhã, alguns membros da comunidade vão para lá trabalhar, tendo direito, em troca, ao almoço. Antes de chegar à lavra da missão, ficámos com o carro enterrado na lama. Nem com a tracção às quatro rodas avançou. Lá esticámos o cabo do reboque que, amarrado a uma grande

árvore, foi puxando o carro para fora da lama. O carro ficou enterrado no lugar onde se situava a primitiva missão do Luau, estrutura entretanto desaparecida.

Pelo caminho visitámos uma das comunidades cristãs que fica no caminho do Congo para Luau. Vimos a escola-capela. Ao domingo, a escola é utilizada como capela. A escola funciona durante a semana a cargo do Estado. Quando a missão tomar conta da escola, está previsto no acordo que a responsabilidade será totalmente da missão, ficando a cargo do Estado o pagamento dos professores.

O almoço foi aqui em Luau, na casa das Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição (CONFHIC), que nos ofertaram um bom almoço. Estão aqui há poucos dias, as Irmãs Júlia, Rosa e Amélia. Uma casa totalmente reconstruída sob a orientação dos nossos missionários e que está com óptimo aspecto. A sua presença na missão do Luau vai ajudar bastante ao desenvolvimento da missão, não só no aspecto pastoral, mas também na tão urgente promoção social, na educação, na escola e na saúde. Sendo uma das irmãs enfermeira e com grande experiência em terras de África, tal será preciosa ajuda neste campo. Uma outra irmã é natural de Angola.

O resto do dia foi passado a pensar e a preparar o regresso amanhã a Luena. Celebrámos a Eucaristia às 16.30 horas e fizemos o nosso último jantar aqui nesta tão acolhedora casa da Diocese, totalmente arranjada pelos nossos missionários e que lhes serve de residência. Além do muro de vedação, melhoraram todas as estruturas e construíram recentemente mais dois quartos, servindo um deles de oratório. Falta terminar a parte da cozinha, que fica fora; mesmo havendo fogão, quase toda a comida é cozinhada a lenha, o que sai mais barato.

Luau, 11 de Março de 2007, domingo.

Bem cedo, preparámos as bagagens para o regresso a Luena e tomámos o pequeno-almoço.

Pelas 8 horas, presidi à solene Eucaristia na igreja do Luau. Até meteu incenso... A igreja estava repleta de fiéis vindos de várias comunidades da missão. O P. Joaquim introduziu a celebração e apresentou os visitantes. Liturgia em português e em coçwe, com tradução. Fiz a homilia à base de três símbolos da liturgia da Palavra: a figueira seca que pode dar frutos, a sarça ardente da presença de Deus, o rochedo que é Cristo na nossa vida. Ofertório longo, com a oferta de tantos produtos da terra: mandioca, milho, bananas, cana-de-açúcar, galinhas (vivas!), amendoim... No final, falaram os três Provinciais: P. Tullio Benini, P. Elio Greselin e eu próprio. O P. Joaquim encerrou os agradecimentos, informando que o P. Jorge Alves iria de seguida de férias e que, no dia 25 de Março, o Bispo de Luena viria ao Luau despedir-se da comunidade e apresentar oficialmente a comunidade das Irmãs Franciscanas. A missa festiva não foi muito longa, demorou apenas cerca de duas horas... Depois das últimas arrumações e de um almoço de despedida, iniciámos a viagem de regresso a Luena. Íamos os cinco padres (os três Provinciais e os dois missionários), a Irmã Júlia e um catequista que vão participar na Semana Pastoral da Diocese, assim como um motorista da JRS, acompanhado de um jovem, para levarem o carro de regresso ao Luau.

Possuídos da possível calma necessária para encetar mais uma dura viagem para os rins e não só, conseguimos chegar à famosa ponte ainda em reconstrução. Do outro lado, esperava-nos o jovem diocesano Padre Lopes, para nos levar a Luena. Depois das malas transferidas, recomeçámos a viagem, nalgumas partes a alta velocidade, sobrevoando enormes buracos e lagoas. O carro era novo... A reza do Rosário abrandou o andamento; alguém propôs mesmo a continuação da oração... É uma viagem dura, mas que tem de ser feita (não há alternativa!). O Padre Lopes conduziu-nos a bom porto, isto é, a Luena, onde "aterrámos" pelas 21.30 horas. Nada mau, 9 horas e meia de viagem. Mas chegámos todos partidos e rebentados, sem saber onde assentar algumas partes do corpo...

Jantámos Casa Episcopal (Bispado) e agradecemos a Deus mais este dia da sua presença em nós, acompanhando-nos nestes caminhos "ad gentes", onde tanto falta e pouco se pode dar. É a oblação das pessoas, dos confrades missionários, que acontece! Tudo o resto é acréscimo...

Luau, 12 de Março de 2007, segunda-feira.

Após uma noite bem dormida no Bispado de Luena, da oração de Laudes e do pequeno-almoço, fomos com o P. João José (mais conhecido por Jójó) visitar a missão de Luxiha (Paróquia de Nossa Senhora de Fátima), que fica a 34 Km de Luena. Trata-se de uma missão que, neste momento, é

assistida pastoralmente pelo Bispo. Poderá ser uma hipótese para o desenvolvimento da nossa missão na Diocese de Luena, quando se pensar em instalar uma segunda comunidade na Diocese, como está previsto no nosso projecto de missão.

Percorremos 12 Km da estrada que liga Luena a Luanda (a mesma que se toma para Luau durante cerca de 100 Km), após os quais virámos à esquerda por uma estrada de terra que nos levou ao centro da missão de Luxiha, outrora assistida pelos Beneditinos. Lá fomos galgando distâncias em terrenos com os habituais mini-lagos, buracos, etc. Atravessámos algumas pontes, uma sobre o rio Luxiha, onde vão aparecendo alguns jacarés (mas não vimos nenhum).

A missão tem um amplo terreno e uma grande igreja, com boas estruturas, que seria necessário recuperar. Está em muito melhor estado que a igreja do Luau. Um anexo à igreja tem uma pequena residência (quarto, escritório, casa de banho e pequeno anexo), que pode servir, eventualmente, para o missionário pernoitar algumas vezes. Ao lado da igreja está a escola da missão, neste momento utilizada como escola do Estado. Os professores e as muitas crianças acompanharam-nos praticamente em toda a visita.

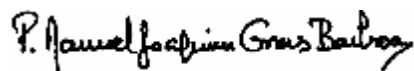
Pelo caminho de ida e de regresso, íamos encontrando pessoas, maioritariamente mulheres e também crianças, que vinham a pé, carregadas à cabeça com pesados cestos cheios de produtos agrícolas, para serem vendidos em Luena. Comprámos cerca de 20 Kg de tomate pequenino por quatro mil kuanzas (cerca de 40 euros). Em Portugal, seria mais barato, em Luena custaria o dobro... Estas pessoas fazem mais de 30 km a pé, sob a chuva e intempéries, para venderem os produtos da terra e comprarem outros bens essenciais para a sua sobrevivência. 40 euros (o equivalente a 50 dólares) é o salário mínimo nacional.

É a paradoxal realidade deste país, há pouco tempo saído da guerra: tão rico em matérias primas, tão caro nos bens essenciais, no meio de uma mísera existência de sobrevivência. Como dizia a Irmã Júlia, sentimo-nos impotentes diante de tanta necessidade, sem meios para lhe dar resposta. Isso passa-se a nível das vias de comunicação, alimentação, higiene, saúde, educação, enfim, em áreas vitais para o desenvolvimento de um povo. A guerra acabou há poucos anos, a esperança de mudança é enorme, mas os sinais da sua concretização são ainda ténues. Mas é de manter a esperança e lutar pela transformação das estruturas que promovam uma melhor dignificação do ser humano. É o papel do Estado. A Igreja tem uma missão importante a cumprir, na promoção dos valores humanos e evangélicos em relação a este povo concreto.

Quanto a nós, no desenvolvimento da nossa missão, haja disponibilidade, prioritariamente de pessoas e, também, de apoio logístico! O resto virá por acréscimo. Em tão pouco tempo, muito fizeram os nossos missionários, em Luau (dois anos) e em Luanda (três anos). Com paciência e tenacidade, com a força do Coração de Jesus! Tal dedicação só se compreende a esta luz! Que outras razões haveria? Há que agradecer a Deus, agora e sempre! Há que olhar o futuro, com o coração aberto a Deus e com o olhar bem atento às necessidades do irmão, para que a nossa acção seja verdadeiramente acção de Deus.

Regressámos ao Bispado para almoçar. De tarde, fomos visitar algumas estruturas da Diocese que poderão eventualmente ser, no futuro, campo da nossa acção pastoral em Luena: o seminário diocesano (semi-destruído, a servir actualmente de escola), a carpintaria (já inaugurada, com amplos espaços modernos e máquinas, por enquanto paradas) e a tipografia (chamava-se Tipografia Pax, ainda não recuperada, com nova maquinaria armazenada em contentores). Visitámos ainda a Paróquia de Nossa Senhora das Vitórias, entregue ao Padre Amândio, beneditino, nos seus 78 anos de simplicidade, simpatia e dedicação. É um dos grandes missionários desta Diocese ainda vivos! Ofereceu-nos uma das raras gramáticas da língua coque, que será útil para a aprendizagem da língua local. Passámos na Paróquia entregue aos Salesianos, fazendo uma rápida visita às grandes estruturas educativas e profissionais que estão a desenvolver em Luena. Vimos ainda o belíssimo Colégio de São Bento, outrora dos Beneditinos (como quase tudo o que há nesta Diocese) e agora da Diocese. Está a ser reconstruído com o apoio dos governos de Portugal e de Angola e irá ser orientado pelas Irmãs Canossianas.

Terminámos o dia, regressando ao Bispado, onde encontrámos D. Gabriel Mbilingi, actual administrador apostólico da Diocese (que espera novo bispo), com quem rezámos as Vésperas e o Rosário e partilhámos a refeição, antes do descanso na última noite em Luena.



P. Manuel Joaquim Gomes Barbosa, scj
Superior Provincial LU